

# PRÁTICAS DE LEITURA COMO INSTÂNCIAS DE FORMAÇÃO: O CASO DO CORDEL (PERNAMBUCO, 1930-1950)

Ana Maria de Oliveira Galvão  
Universidade Federal de Pernambuco

## 1. Introdução

A escola, embora hoje ocupe um lugar central na formação de leitores de diversos segmentos sociais, não possuía, necessariamente, esse papel, em outros momentos da história brasileira, particularmente quando nos referimos a alguns grupos sociais. Parece que, no Brasil, onde a generalização do ensino foi uma experiência relativamente tardia e restrita a determinadas camadas sociais, outras instâncias de sociabilidade cumpriram o papel de formar de leitores e, mais amplamente, de possibilitar – mesmo que isso não ocorresse de forma intencional – que sujeitos pertencentes a camadas populares tivessem contato e se apropriassem, em níveis diferenciados, do mundo da cultura escrita, em uma sociedade caracterizada, até meados do século XX, pela forte presença da oralidade. Na verdade, o que a escola fazia, em contraposição a essas instâncias não formais, para usar uma expressão de Jean Hébrard<sup>1</sup>, era autenticar o saber ler, ou seja, ela é quem dizia, ao lado de outras instituições, como e o quê deveria ser lido, conferindo legitimidade a certos objetos culturais e a determinados modos de ler. Essas outras instâncias, por sua vez, muitas vezes lidavam com objetos de leitura e formas de ler que não se aproximavam daqueles considerados legítimos pela sociedade da cultura escrita.

Neste artigo busco, baseada em dados de uma pesquisa concluída<sup>2</sup>, discutir o papel desempenhado por essas instâncias de sociabilidade na formação de leitores, a partir de um caso

---

<sup>1</sup> HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar: como Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p.35-74.

<sup>2</sup> GALVÃO, Ana Maria de Oliveira Galvão. *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2000 (Tese de Doutorado em Educação). Uma versão da tese foi publicada em livro: ver GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

específico: o dos folhetos de cordel em Pernambuco entre 1930 e 1950. Na pesquisa, que objetivou (re)construir o público leitor/ouvinte e os modos de ler/ouvir literatura de cordel no período e espaço referidos, foram utilizadas como principais fontes entrevistas, autobiografias, romances, os próprios folhetos e outros documentos.

No Brasil, dá-se o nome de literatura de cordel a uma forma de poesia impressa, produzida e consumida, original e predominantemente, em alguns Estados da região Nordeste. Entre os poetas, os editores, os folheteiros e o público que a consome é geralmente denominada de "folheto". A designação literatura de cordel, até então utilizada para um tipo de literatura semelhante encontrado em Portugal, tem sua origem nos estudos acadêmicos sobre o tema, tendo sido adotada e difundida, por todo o país, a partir da década de 60<sup>3</sup>. O cordel, impresso em pequeno formato, papel barato e vendido a baixos preços, embora caracterizado pela forte presença da oralidade em seu texto e forma, é necessariamente impresso, distinguindo-se de outras formas de "poesia oral". Em geral, relacionam-se os primórdios da literatura de cordel ao que parece ter ocorrido em diversos países: aos poucos, histórias da tradição oral começaram a ser escritas e, posteriormente, difundidas através da imprensa. As origens do cordel brasileiro estariam, desse modo, relacionadas ao seu semelhante português, trazido para o Brasil pelos colonizadores já nos séculos XVI e XVII. Alguns estudiosos, como Cascudo<sup>4</sup>, acrescentam que já no período colonial os indígenas brasileiros e os povos africanos utilizavam o canto poético para conservar a memória dos episódios. Na época em que o cordel se desenvolveu já havia no Nordeste brasileiro uma tradição de canto de poemas orais, os desafios, pelepas e cantorias, que parecem ter influenciado decisivamente o seu desenvolvimento. O primeiro folheto brasileiro localizado, de autoria de Leandro Gomes de Barros (1865-1918), foi impresso em 1893,

---

<sup>3</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

<sup>4</sup> Op. cit.

momento em que se multiplicavam as tipografias em todo o país. O apogeu da literatura de cordel no Brasil só se daria, no entanto, entre as décadas de 30 e 50. Nesse período, montaram-se redes de distribuição dos folhetos e o editor deixou de ser exclusivamente o poeta. Quanto à forma, raros eram os cordéis escritos em prosa. Os folhetos versam sobre uma diversidade de temas: valores religiosos e místicos em geral, relatos de acontecimentos cotidianos e políticos mais amplos, descrição de fenômenos naturais e sociais, narração de histórias tradicionais, aventuras de heróis e anti-heróis, etc. Nos anos 60, o cordel passou por uma grande crise, tornando-se novamente centro de interesses a partir dos anos 70, desta vez principalmente por parte de universitários brasileiros e estrangeiros e turistas: o cordel tornou-se objeto de estudo e de curiosidade. Atualmente, no contexto dos movimentos de revalorização e resgate das formas de cultura e manifestações populares, tem sido novamente tema de estudos, de exposições e de reportagens na imprensa.

Como esses livretos eram lidos na época do apogeu de sua produção e circulação? Que aspectos dos próprios poemas os leitores/ouvintes destacavam como importantes para que houvesse fruição estética nas práticas de leitura? Como e em que situações ocorria a leitura dos poemas? Em que esses modos de ler determinavam e, ao mesmo tempo, expressavam as formas de apropriação dessas leituras? Tentarei responder a essas questões, baseando-me sobretudo nas entrevistas realizadas durante a pesquisa, com nove leitores e/ou ouvintes de folhetos. Todos os sujeitos entrevistados eram, na época, moradores do Recife, nascidos em sua região metropolitana ou em cidades do interior de Pernambuco e da Paraíba, entre 1910 e 1932. Dos nove sujeitos que entrevistei, três declararam-se analfabetos, três tiveram experiências de escolarização de até um ano e três passaram de dois a cinco anos na escola. Nas trajetórias de vida de todos eles, os folhetos constituíram o objeto de leitura e/ou audição mais presente.

## **2. Características dos folhetos destacadas como determinantes para o "gostar de ler"**

Que características do próprio folheto eram destacadas como importantes para se gostar de ler/ouvir? Como se concretiza, na palavra dos leitores/ouvintes de folhetos, essa dimensão estética dos cordéis? Fui destacando, no depoimento dos entrevistados, aquilo que chamei de "vocabulário do prazer". Em primeiro lugar, essa dimensão é expressa pela caracterização das histórias consideradas "boas", através de adjetivos como "bonita", "sentimental", "agradável", "engraçada". Mas, o que significava ser um bom folheto? No depoimento dos entrevistados, a rima, a métrica e o ritmo eram determinantes para caracterizar a beleza dos poemas. Para um dos entrevistados, mesmo que os versos não estivessem "bem enquadrados", uma condição para a história ser considerada "boa" e "bonita" era que, no final, "tudo desse certo", que o autor tivesse "ritmo" (Antônio). De uma outra maneira, o vendedor entrevistado também destaca a importância da forma para explicar o sucesso dos folhetos. Afirmo que as histórias tradicionais publicadas em forma de livro, em português ou mesmo em espanhol, deixaram, gradativamente, de ser lidas, na medida em que os folhetos rimados se foram popularizando: "...o livro (...) desapareceu logo, depois que apareceu o rimado, o livro, os espanhóis, os portugueses deixaram de vender porque ninguém queria. Só queriam os livros rimados porque era mais engraçado, era um livro mais... que entendiam melhor, né?" E compara o livro em prosa aos livros didáticos, conhecidos em sua breve experiência de escolarização, justificando a preferência popular pelos folhetos versados: "Livro em prosa é mesmo que tá lendo um livro de leitura, um livro de..., um livro didático, né? É, porque em prosa é mesmo que um livro didático (...) Um livro rimado termina no gracejo." (Edson, vendedor de folhetos desde 1938).

As histórias também eram consideradas boas a partir da capacidade que o poeta tinha de narrar. As histórias preferidas pelo público eram sobretudo os romances, feitos de tramas e intrigas de amor, de desafios, de ódio, de vingança. Ler e ouvir uma história, nela determinando

os papéis do bem e do mal, parecia contribuir para uma certa estruturação do mundo em que estavam mergulhados os leitores/ouvintes, fazendo-os reconfirmar valores como falsidade e bondade, recorrentemente referidos nas entrevistas. Embora se saiba que muitos folhetos tematizassem os problemas do cotidiano, o papel da leitura e audição dos poemas parecia se situar, principalmente, no desejo de esquecer a rotina e de mergulhar em uma outra dimensão diferente da que viviam. Um dos entrevistados afirma que lia os folhetos para se "distrair", para "desabafar." Depois, acrescenta: "Dava mais graça à vida, né? Matava os temor da vida. Pessoa tava acabrunhada, lia uma historinha dessa e ia até... desafiava os outros." (Zé Moreno).<sup>5</sup> Uma das entrevistadas compara a leitura de folhetos à telenovela brasileira contemporânea que, em sua base, trabalha sobre os mesmos elementos: "Pra mim era a mesma coisa de eu assistir uma novela (risos). (...) Eu gostava era muito, às vezes eu até chorava que só... (...) Era, é mesma coisa que você tá assistindo uma novela e ser emocionante a história, né?" (Zefinha).

Mesmo em relação aos folhetos noticiosos, os entrevistados destacam a habilidade que tinha o poeta de transformar as notícias em boas histórias, avaliadas, muitas vezes, pela capacidade de emocionar: o que menos parecia importar era o acontecimento veiculado ou a atualidade do fato. No depoimento dos entrevistados, mesmo em relação a esses folhetos, o que sobressai é a possibilidade de reafirmação de certos valores considerados universais, relacionados principalmente a aspectos morais: a falsidade, a honra, a vingança, o perdão, a justiça.

---

<sup>5</sup> Orígenes Lessa se refere à função "terapêutica" do cordel. Para ele, os folhetos seriam uma "literatura de catarse", de evasão, de "fuga dos problemas amargos do cotidiano". Ver PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *A ideologia do cordel*. 2.ed. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1977. Essa função atribuída à leitura de folhetos é comum a outros tipos de experiências literárias: "On puisse dans les livres autant des ressources pour échapper (on parle de 's'évader'), donner sens à (et même parfois sublimer) la réalité monotone, ennuyeuse, douloureuse, que pour se préparer à affronter les situations les plus problématiques, embarrassantes, sombres ou pénibles." (LAHIRE, Bernard. *L'homme pluriel: les ressorts de l'action*. Paris: Nathan, 1998. p.116).

### 3. Práticas de leitura como instâncias de sociabilidade

Mas, no depoimento dos entrevistados, os poemas se tornavam ainda melhores porque eram lidos de maneiras particulares. Quais as características dessas práticas de leitura?

Era, em geral, uma leitura coletiva e em voz alta, que ocorria em instâncias de sociabilidade, como as feiras, inicialmente, onde eram comprados. Posteriormente, a leitura e audição de folhetos era realizada em reuniões que geralmente ocorriam na casa de vizinhos e familiares e congregavam grande número de pessoas. Além da leitura desse tipo de impresso, nesses encontros, os contadores de histórias divertiam a platéia ao narrar, com habilidade, contos da tradição oral. Em muitos casos, no mesmo espaço, ocorriam as cantorias. Reuniões desse tipo eram, na verdade, comuns no Brasil na época, mesmo para outros grupos sociais - os serões eruditos - a ponto de Antônio Candido, em seu célebre ensaio, ter caracterizado o público leitor brasileiro da época – inclusive a elite – como um “público de auditores”<sup>6</sup>. O fato de os folhetos serem lidos em reuniões coletivas parecia constituir um atrativo fundamental para a fruição e o deleite das histórias. Em alguns depoimentos, não se sabe se a beleza descrita refere-se somente às histórias ou também, e talvez principalmente, ao ambiente, a partir do encontro provocado pela leitura coletiva:

"Às vezes os vizinho ia pra lá, aí juntava um bocado de gente assim, sentava um bocado de gente. (...) Os folheto, meu pai tinha aquele bocado de folheto... (...) Aí chegava gente, juntava tudo, ficava na... na... na sala, muita gente, sala grande, aí papai lia o folheto... (...) Era um divertimento (...) Era bonito isso, era bonito, era muito bonito." (Zé Mariano).

Nessas reuniões coletivas, destaca-se, ainda, no depoimento dos entrevistados, o papel ocupado pelo (bom) leitor para que as histórias pudessem ser melhor lidas e comentadas. Alguns

---

<sup>6</sup> CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Nacional, 1980.

entrevistados se referiram, explicitamente, às competências de leitura necessárias daquele que lia em voz alta para os demais: saber manter o ritmo, destacar bem algumas frases e palavras. Assim, além de a história ser "bonita", seu leitor deveria ter habilidades específicas para que os demais desfrutassem de sua leitura da maneira mais prazerosa possível. Durante a entrevista de Zé Moreno, em que tive que ler para ele poemas de Zé da Luz em voz alta, em diversos momentos, o entrevistado buscou me ensinar e sugerir melhores maneiras de ler: "É. Isso aqui tá bom, lê isso aqui. Bem calma, vê se você entende. Calma que eu digo é devagar, pontuando."

Em segundo lugar, a leitura de folhetos se caracterizava como intensiva<sup>7</sup>. Em muitos casos, os folhetos escolhidos para serem lidos nas reuniões eram selecionados de um conjunto já previamente conhecido da maioria da audiência. As mesmas histórias eram, desse modo, retomadas diversas vezes. Ler várias vezes o mesmo poema era, para os leitores/ouvintes, condição para a fruição estética – era assim que eles se tornavam “bonitos”, emocionantes. O depoimento dos entrevistados parece revelar que o interesse na leitura e na audição dos folhetos residia não exatamente na expectativa de resolução dos conflitos apresentados pelo autor, mas pela possibilidade de rememoração e contínua apropriação de conceitos, práticas, idéias gerais e universais, não referidos a um contexto imediato, presentes nas histórias. Os entrevistados voltam, assim, aos mesmos folhetos, mesmo quando eles são noticiosos. Como já referido, a atualidade da notícia parece não ser uma categoria importante: os poemas não são considerados descartáveis, na medida em que, de alguma forma, reiteram valores e atingem a sensibilidade do público leitor.

---

<sup>7</sup> Utilizo, aqui, as expressões “intensiva” e “extensiva” nos sentidos que lhes são atribuídos por Rolf Engelsing, em artigo datado de 1970, e retomado sucessivamente por historiadores da leitura. Ver, por exemplo, CHARTIER, Roger et CAVALLLO, Guglielmo. *Histoire de la lecture dans le monde occidental*. Paris: Seuil, 1997. p.7-46. Segundo a tese de Engelsing, na segunda metade do século XVIII, a leitura “intensiva” teria sido substituída por uma leitura qualificada de “extensiva”: gradativamente, a leitura de um *corpus* limitado e fechado de textos (principalmente de cunho religioso), lidos e relidos, memorizados e recitados, transmitidos de geração em geração, passou a ser substituída pela leitura, rápida e ávida, de um grande número de impressos, diversos e efêmeros. Essa tese tem sido continuamente questionada, principalmente porque estudos mais recentes têm observado que numerosos eram os leitores “extensivos” na época considerada de leitura “intensiva”. No entanto, mantêm-se os conceitos gerais dos dois tipos de leitura que, muitas vezes, ocorrem ao mesmo tempo e no mesmo espaço.

Em terceiro lugar, bastante associada à característica anterior, está uma outra a que já me referi: era uma leitura extremamente entranhada à oralidade e, nesse contexto, a memorização dos poemas, que parecia constituir uma verdadeira apropriação da leitura, desempenhava um papel fundamental. Os depoimentos revelam que, mesmo quando se lembram de partes do enredo das narrativas, os entrevistados só consideram que “sabem” das histórias quando as retêm na memória, em um processo semelhante ao que ocorre nas sociedades orais ou com fortes resíduos de oralidade<sup>8</sup>. Quer dizer, a leitura, a compreensão e a apropriação das histórias pareciam estar intrinsicamente relacionadas a essa prática.

A própria estrutura formal dos poemas facilitava a sua memorização. Um dos entrevistados afirma que decorava de quatro a seis versos de cada vez. Parece, assim, que o agrupamento de estrofes, em geral compostas em um mesmo padrão métrico, facilitava a memorização dos poemas. O mesmo entrevistado acrescenta outro dado interessante, que permite melhor compreender como, de fato, os padrões e as fórmulas características da literatura de folhetos auxiliam no processo de memorização dos poemas, independentemente do enredo e da temática das histórias: segundo o entrevistado “lendo quatro, cinco livros você grava”. Assim, parece que a introjeção das fórmulas básicas, típicas da composição dos cordéis, auxiliava na memorização de qualquer poema: os leitores e os ouvintes habituados ao universo dos livretos apresentavam poucas dificuldades para, entrando em contato com uma “nova” história, reproduzi-la de memória. É um processo semelhante ao que ocorre, como vários estudos já mostraram, nas narrativas orais que, ao obedecerem a certos padrões de composição, auxiliam na performance dos poetas, na memorização e na incorporação de temas e valores por parte do público. O

---

<sup>8</sup> Para Walter Ong, o fato de, em uma cultura oral, as palavras estarem restritas ao som não determina apenas os modos de expressá-las, mas também os processos de pensamento e de estocagem do conhecimento: “You know what you can recall.” (p.33). (ONG, Walter J. *Orality and literacy: the technologizing of the world*. London: Methuen, 1982).

esquema narrativo é, na maior parte das vezes, mais importante do que os detalhes do conteúdo das histórias.

#### **4. Considerações finais**

Como podemos ver, em uma época e em um lugar, como ocorria na grande parte do Brasil, em que as taxas de analfabetismo eram extremamente baixas, chegando, em algumas das cidades onde nasceram os entrevistados, a mais de 90% da população acima de 5 anos, poderia se pensar, a primeira vista, que a maioria da população vivia à margem de qualquer experiência de leitura. No entanto, as experiências de leitura ocorriam e, em muitos casos, como o que busquei mostrar aqui, pelo menos para seus leitores – já que na época o cordel era considerado “subliteratura” -, configuravam-se como experiências de leitura literária. Além disso - aspecto que não foi aprofundado neste artigo<sup>9</sup> -, muitas pessoas aprendiam a ler mediadas pelos folhetos: através da memorização das histórias, o "alfabetizando", em um processo solitário de reconhecimento das palavras e versos, atribuía, ele mesmo, significados a esse novo sistema de representação - a escrita. Aos poucos, esse processo se ia estendendo a outros objetos de leitura, contribuindo para sua formação como leitores. O folheto também aparece como o principal motivador para que os meios formais de aprendizado da leitura e da escrita fossem procurados. Mas os leitores/ouvintes entrevistados, que associam a leitura de folhetos ao tempo do lazer, referem-se, sobretudo, ao papel literário desempenhado por ela: os bons poemas são referidos como dotados de beleza – beleza que se traduz em rimas bem estruturadas, no ritmo cadenciado dos versos e em uma história, ou seja, em uma narrativa com começo, meio e fim convincentes, que provoque a evocação de valores e de sentimentos universais e que seja capaz de transportá-los para outros

---

<sup>9</sup> Esse aspecto foi objeto específico do artigo: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Processos de inserção de analfabetos e semi-alfabetizados no mundo da cultura escrita. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.16, p.81- 94, 2001.

espaços e tempos, mesmo quando se referem à descrição de notícias, de acontecimentos reais. Beleza que extrapola a estrutura interna dos próprios poemas, estendendo-se à possibilidade de partilhar a leitura, através da realização de encontros coletivos que congregavam um grande número de pessoas e onde a habilidade e a competência para oralizar o poema, lido ou recitado em voz alta, desempenhavam um papel fundamental. As maneiras de ler parecem, assim, fundamentais nos processos de produção de sentidos.